

SHARDS - ESTILHAÇOS

relato da parceria Artista/Universidade/empresa multinacional

*Josely Carvalho
Felipi Santos
Thérèse Hofmann*

Resumo

A obra SHARDS (Estilhaços) da artista visual Josely Carvalho é resultado da parceria entre a criação artística de Josely, o trabalho de pesquisa e confecção de protótipos da caixa objeto por parte da UnB e da produção de fragrâncias criadas por Josely especificamente para a obra e produzidas pela Givaudan do Brasil. Esta integração de arte/tecnologia/meio ambiente/indústria foi muito profícua e resultou em um objeto artístico, com produção limitada e assinada de 100 peças, que foi exibido no Brasil e em outros países como os Estados Unidos e Emirados Árabes. Apresentamos aqui o relato desta parceria de afetos, emoções, descobertas e cheiros, muitos cheiros que impregnam os sentidos e a alma. Por meio de entrevistas e conversas com a artista, trazemos o relato de Josely Carvalho sobre sua criação e a parceria com a UnB e a Givaudan.

Palavras-chave: livro de artista, cheiros, papel de bituca de cigarro, papel artesanal

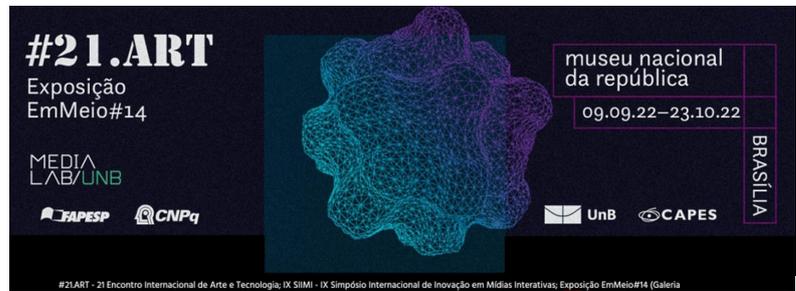
SHARDS - ESTILHAÇOS

partnership Artist/University/multinational company

Abstract

Josely Carvalho's artist's book, Estilhaços/Shards, is the result of a partnership among her artistic process, research and production of the object/box prototype from University of Brasilia (UnB) and production of fragrances created by her, specifically for this project, by Givaudan do Brazil in São Paulo. This integration of art/technology/environment/industry was very fruitful and successful resulting in an artistic object, with a limited and signed production of 100 artist's books exhibited in Brazil and other countries such as United States and Arab Emirates. We presented here a description of this experimental partnership of affection, discoveries and smells. Seven smells impregnated our senses and emotions. Through interviews and conversations with the artist, we bring her descriptions about her creative process and her interaction with UnB and Givaudan.

Keywords: artist's book, smells, cigarette butt paper, handmade paper



SHARDS - ESTILHAÇOS

informe sobre la asociación artista/universidad/empresa multinacional

Resumen

La obra SCHARDS (Fragmentos) de la artista visual Josely Carvalho es el resultado de una asociación entre la creación artística de Josely, el trabajo de investigación y creación de prototipos de la caja de objetos de la UnB y la producción de fragancias creadas por Josely específicamente para la obra y producida de los perfumes Givaudan. Esta integración arte/tecnología/medio ambiente/industria fue muy fructífera y resultó en un objeto artístico, con una producción limitada y firmada de 100 piezas, que fue exhibido en Brasil y en otros países como Estados Unidos y Emiratos Árabes Unidos. Presentamos aquí el relato de esta sociedad de afectos, emociones, descubrimientos y olores, muchos olores que impregnan los sentidos y el alma. A través de entrevistas y conversaciones con la artista, traemos el relato de Josely Carvalho sobre su creación y la asociación con UnB y Givaudan.

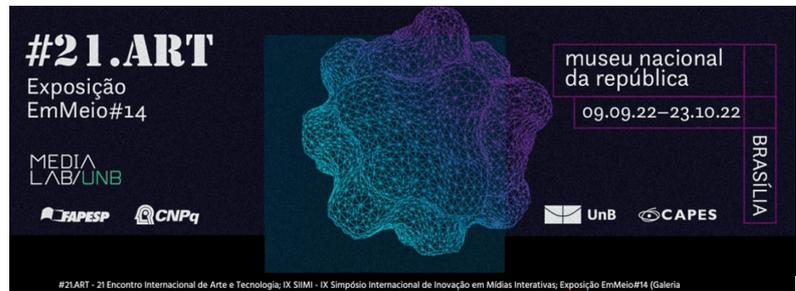
Palabras clave: libro de artista, olores, papel de colilla, papel artesanal

Os cheiros

...”as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração. Com esta, ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas.”
Suskind, 1985.

Em seu livro “O Perfume”, 1985, Patrick Suskind descreve com riqueza de detalhes o panorama olfativo da França do século XVIII, ao narrar o contexto de nascimento do anti-herói do livro, Jean-Baptiste Grenouille. Em meio a odores fétidos de peixe, vísceras, melões podres e chifre queimado nasce Grenouille e se mistura aos restos de peixes que eram limpos pela mãe às margens do rio Sena, em Paris, no ano de 1738. A história do livro ganha as telas de cinema em 2006 sob direção de Tom Tykwer na qual vemos Grenouille tornar-se um exímio perfumista, especialista na arte de criar essências e também em busca frenética pelo cheiro perfeito.

Dos cinco sentidos, o olfato é o terceiro a se desenvolver e isto ocorre ainda na gestação, depois do tato e da audição. Este sentido nos permite experimentar as emoções mais sutis e também as mais densas. E é o único sentido que não podemos nos abster pois do



contrário padecemos se deixamos de respirar. Podemos nos negar a ver, tapar os ouvidos, não tocar em algo e não provar algo. Mas não conseguimos deixar de aspirar os odores que nos cercam.

A Artista Visual Josely Carvalho é pioneira na inserção de cheiros em obras de arte. Alternando estadia entre o Brasil e os Estados Unidos, ao longo de 40 anos, construiu uma carreira consistente e sólida recebendo ao longo da sua trajetória vários prêmios. Em 2019 recebeu, em Amsterdam, o prêmio internacional [Art and Olfaction/ Sadakichi Award](#) na categoria obra olfativa experimental com sua instalação Teto de Vidro: Resiliência apresentada no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo em 2018. E agora em 2022 A Fundação POLLOCK KRASNER concedeu a Josely Carvalho o Prêmio Lee Krasner em reconhecimento a uma vida inteira de realizações artísticas.

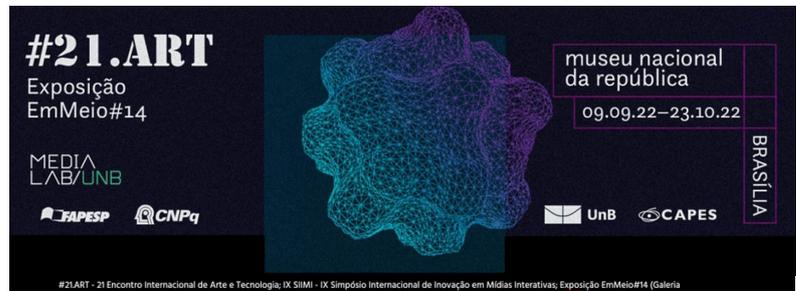
Cheiro de peixe, revela o pássaro
eu, você, nós todas
mulher que pesca cozinha carpe
nutre luta chora perde sonha vence
você, mulher perdida no desconhecido,
você, mulher encarcerada
pelas ataduras do dia-a-dia,
você, noiva mumificada,
por que você se casa?

Josely Carvalho, 1980.

Josely nos relata em entrevista como começou sua pesquisa com cheiros. Para ela o cheiro vem da infância, quando tinha 6 ou 7 anos de idade, ela se lembra da avó dizendo: “você tem que tomar banho senão você vai cheirar a bacalhau”. Com esta memória resgatada em 1981, e envolta em ações com o movimento feminista, ela concebeu a obra “Cheiro de Peixe” (1984-1986), que consistia em um livro de artista e instalações com serigrafia, poesia, performance mas sem cheiro. O cheiro era apresentado, induzido, somente pelas visualidades das imagens. Ela lembra que, em homenagem à avó, serviu bolinho de bacalhau na abertura da exposição. Neste momento ela nem imaginava em produzir cheiros.

Sobre este trabalho também nos fala Julia P. Herzberg :

Do fim de 1984 a 1986, Josely produziu o ‘capítulo’ Cheiro de peixe’, conjunto de trabalhos multimídia baseados em preconceitos e falsos mitos culturalmente impostos às mulheres. O título da série, por exemplo, refere-se a um dos preconceitos que ainda persistem na memória da artista: quando criança, ela costumava ouvir sua avó dizer: “Vá tomar banho ou você vai cheirar a bacalhau!” Ao entretecer imagem e texto, a artista aludiu a falsos mitos que aprisionaram mulheres, a lembranças de infância e a fantasias



sexuais. A representação do nu feminino em Hallelujah [39.pc.halleluyah (PORT), IMG0053.catalina.pc (ING)], feita de maneira ativa, procriadora e autodeterminada, serviu como contraponto das imagens negativas da mulher como representações idealizadas para o deleite dos homens. (<https://www.juliaherzberg.net/> & [l1nq.com/trneY](https://www.l1nq.com/trneY))

Podemos dizer que o trabalho de construção do que veio a ser a obra “Estilhaços” começou também nos fins dos anos 1980 quando Josely resolveu guardar as taças de vidro e cristal que o marido sempre quebrava ao lavar as louças do jantar. Ela relata que começou a guardar as taças sem maiores pretensões, foi guardando os cacos, muitos ainda com os resíduos das bebidas. Foi armazenando tanto na sua casa nos Estados Unidos quanto no Brasil. Isto acabou virando uma coleção. Ela ressalta que nunca quebrou uma taça de propósito, recolhia sempre os cacos quebrados, por acaso. Na casa de Nova York ela começou a dispor as taças quebradas e os cacos sobre a lareira e depois colocou acima delas uma fotografia dela de cabeça para baixo (fig. 1). Um dia ela percebeu um cheiro como o de leite materno vindo dos cacos dispostos sobre a lareira. A partir de então ela começou a se questionar sobre o porquê de estar mantendo aquela coleção.



Figura 1 - acervo da artista Josely Carvalho

Sempre destemida e indo a fundo em cada ideia, Josely sentiu necessidade de “produzir cheiros”. Ela procurava reconhecer os cheiros da infância, dos afetos, dos medos, das angústias, dos desejos. Ela ficou sabendo do trabalho de uma pesquisadora de química da USP que trabalhava com fragrâncias. Ao explicar seu desejo, ela ouviu como sugestão que Josely procurasse o diretor da Givaudan para a América Latina. E ela assim o fez, e teve boa acolhida pelo diretor Maurício Cella, que imediatamente se encantou com o trabalho e a proposta de pesquisas de Josely e já indicou uma perfumista para lhe auxiliar. E assim, a partir de 2009, se firmou uma parceria duradoura e profícua.

A partir deste encontro várias obras foram produzidas. Ela começou com *Nidus Vitreo* que foi uma pesquisa sobre a construção do ninho fragilizado e se desenvolve nas seguintes instalações : *Architectando* (2008), [Architectando: Ninho de Elias](#) (2009), [Nidus Vitreo](#) (2011), [Passagens](#) (2012) - que também compõem a série [Diário de Cheiros](#).

Nidus Vitreo (2011; fig. 2) foi o primeiro trabalho de parceria com a Givaudan: Instalação interativa site-specifico:

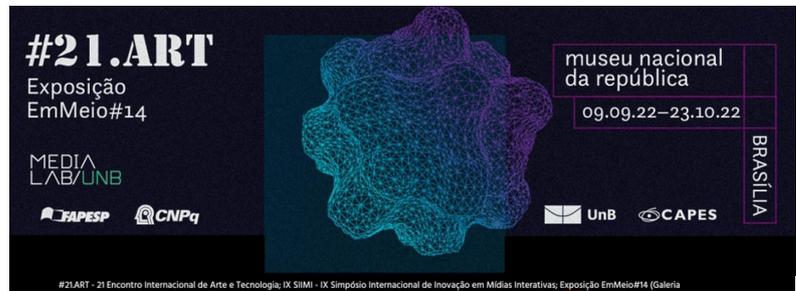
com 1000 galhos moldados em resina de vidro, projeção de vídeo e seis canais de som manipulados em algoritmo por computador, filme espelhado, seis cheiros originais produzidos em colaboração com a Givaudan do Brasil: Mar Aberto, Terra Molhada e Sol Quente. <https://www.joselycarvalho.com/nidus-vitreo-arte-olfativa>.



Figura 2 - Nidus Vítreo acervo da artista Josely Carvalho

Segundo Josely, nessa instalação os 1000 galhos de resina foram dispostos como um ninho abandonado. O cheiro de ninho exalava da escultura. Eram projetadas memórias olfativas que haviam sido coletadas anteriormente do público por meio do blog da artista. O trabalho começou em 2009 e demorou dois anos para ser concluído.

A perfumista designada para auxiliá-la na produção dos cheiros não entendia por que a Josely não estava procurando um cheiro agradável. O diretor da Givaudan orientou para ela “entrar na cabeça” da Josely e entender o que ela precisava. E assim foi feito, produziram o “Cheiro do mar aberto” que tinha um cheiro de peixe morto e da maresia. Josely observa que “é necessário ter um bom cheiro para ter um mau cheiro. Se colocar só um cheiro ruim, o olfato perde a nuance”.



Estilhaços - os acasos e as construções colaborativas

Os momentos intuitivos da inspiração ou as descobertas que fazemos durante o trabalho artístico e que apontam novos rumos, novas soluções, ocorrendo justamente quando delas precisamos – seriam meros acasos? Fayga Ostrower, 2013.

Assim como Fayga Ostrower, Josely Carvalho acredita que “temos que estar muito ativos no presente para que os acasos a gente possa chupar como se fosse um cheiro”. A obra “Shards - Estilhaços” faz parte deste acaso e de construções colaborativas.

Como dissemos, a obra se concretiza a partir da coleção de cacos de taças que Josely colecionava desde a década de 1980. Mas só ganhou concretude depois da parceria iniciada com a Givaudan em 2009.

Concebido como livro de arte, livro objeto, Estilhaços (fig. 3) uniu as taças e cacos da coleção, os trabalhos de perfumistas da Givaudan que produziram os cheiros e fragrâncias concebidos por Josely e o papel de bitucas de cigarro, oriundo da pesquisa e patente da Universidade de Brasília.

Para Josely as taças são sujeitos no livro, não são objetos. As taças estavam em paisagens que tomaram corpo, eram as personagens da obra, dos cartões postais. No verso destes cartões estão perguntas aos leitores sobre suas memórias olfativas. Outros cartões trazem textos poéticos escritos por seis amigos que colaboraram com a obra.

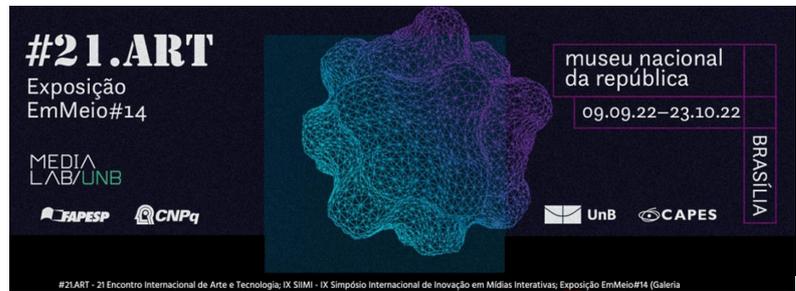


Estilhaços/Shards, 2015. Scented artist's book. Handmade paper, nanocapsules of fragrance, six original smells in 5ml vials, 22 x 20 x 4 cm, photographs in post card format. Edition: 100 numbered and signed

Figura 3 - Estilhaços, foto acervo da artista Josely Carvalho

Como descrito por Josely e registrado na própria obra, “Estilhaços, era vidro e se quebrou” é um livro/objeto olfativo que combina trabalho artesanal e nano-tecnologia. Os cheiros inseridos no livro tem sua origem em textos criados a partir da memória de uma fragrância esquecida em cacos de taças de vinho. Seis amigos foram convidados a criar textos baseados nos momentos onde as taças se estilhaçam. São eles: Laura Abreu (curadora do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro), Dra. Mary Garcia Castro (Professora de Sociologia na Universidade Federal da Bahia), Avis Lang (escritora e editora do Museum of National History, Nova York), Josely Carvalho (artista), Dr. Jeff Koán MD (curador do Museum of Olfactory Art, California). As imagens descritas foram os recursos na criação dos seis cheiros da caixa: Afeto, Ausência, Vazio, Persistência, Ilusão, Prazer.

A capa da caixa/livro/objeto exala a fragrância “Vidro”, desenvolvida por Nadège Le Garlantezec, perfumista da Givaudan de Paris. Esta essência está aprisionada em moléculas voláteis nas fibras do papel artesanal produzido com bitucas de cigarro por Thérèse Hofmann Gatti e equipe na Universidade de Brasília. A inserção das nano cápsulas propiciam a conservação do cheiro dispersado lentamente



através do toque. O projeto incorpora em seu conceito a sustentabilidade, a reciclagem na produção do papel artesanal e embalagem/caixa do livro, e a nanotecnologia.

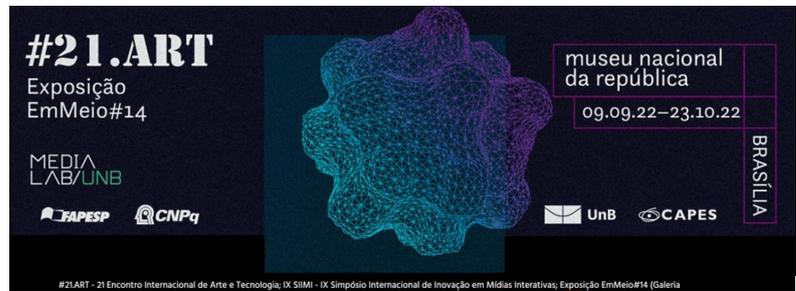
Para Josely o cheiro é o corpo social. A interatividade que o cheiro provoca é fascinante, incrível. Nas instalações ela presencia o movimento das pessoas ao se aproximar da obra, cheirar e começar a interagir com quem está perto. Os cheiros despertam os sentidos.

Josely ressalta que não temos vocabulário próprio para descrever o olfato. Emprestamos as definições do paladar e da visão.

O livro foi o início de uma série. Depois veio a instalação Teto de Vidro: dos estilhaços à resiliência (foto 4) no Museu de Arte Contemporânea em SP em 2018, onde o público entra nos estilhaços. Sobre pedestais maiores estão dispostas as taças de vidro quebrado e os cheiros encapsulados. E no chão foram colocados 400 kg de vidro quebrado.



Fig. 04 - Teto de Vidro: dos estilhaços à resiliência. Foto acervo da artista Josely Carvalho



Objeto Artístico - aplicação de processos e tecnologia

Ao recebermos o convite da Josely Carvalho para a produção de papéis para a obra ficamos encantados com o projeto e com a oportunidade de mostrarmos um pouco do trabalho da Universidade na pesquisa com o papel artesanal. Ao observarmos seus trabalhos anteriores vimos seus processos de desenvolvimento compartilhado de trabalhos artísticos com processos tecnológicos refinados como instalações artísticas com som e imagem ou experimentos em processos artesanais como objetos e esculturas. A possibilidade de desenvolver um papel artesanal com um cheiro desenvolvido em laboratório de uma multinacional seria um vínculo que expressa a base da pesquisa desenvolvida na Universidade de Brasília

A proposta para nossa contribuição ao desenvolvimento deste objeto artístico, foi conduzida em duas etapas, na primeira realizamos o papel artesanal acrescentando o cheiro encapsulado desenvolvido nos laboratórios da Givaudan conforme nossas etapas de criação da pasta celulósica a partir das bitucas de cigarro, o branqueamento, as proporções de polpas e formatação do papel em maquinário e secagem. Na segunda etapa da parceria foi a criação de um livro caixa revestido com o papel artesanal conforme medidas de itens internos que compunham este objeto artístico.

O desenvolvimento do papel foi realizado no Laboratório de Papel Artesanal do Departamento de Artes Visuais na Universidade de Brasília por uma equipe coordenada e orientada pela professora doutora Thérèse Hofmann. A decisão de usar a fibra de bitucas de cigarro recicladas também se deu em função dos cheiros. Nada mais desagradável ao olfato do que o cheiro que as bitucas de cigarro exalam. Porém ao se transformarem em papel todo aquele odor desaparece. Com a tecnologia do papel, para a realização do objeto artístico, pesquisamos qual a melhor forma de inserir o cheiro sem romper seu encapsulamento. As etapas do processamento das fibras da bituca passam por quebras sucessivas, cozimentos longos e misturas turbulentas. Todas essas movimentações eram muito agressivas. Desse modo, inserimos o cheiro na última etapa antes da secagem.

Para a formatação do papel para este projeto usamos nossa máquina formadora de folhas que usa telas de madeira forradas de tecido de nylon com dimensões de 100cm x 70cm. Nesta máquina a massa de celulose passa por um sistema de turbilhão que circula a polpa com muitos litros de água. Essa polpa com muita água é direcionada para um espaço em que uma tela fina filtra toda a água e deixa a polpa uniforme sobre esta. Nesta etapa, de forma manual inserimos o cheiro com movimentos calmos para sua dispersão na água. A textura do cheiro era cremosa, então diluídos em uma quantidade pequena de água para que se espalhasse com mais rapidez quando colocado no papel.

Assim que o sistema da máquina finaliza a formatação da folha, a tela com o papel de bitucas de cigarro perfumado, era colocada para secar. Assim que o papel secava, era guardado nas mapotecas do Laboratório.

Ao produzirmos o papel de bitucas de cigarro que recebeu a fragrância “vidro”, transmuta-se a expectativa do público, que tem acesso à obra, com o agradável odor que exala.

Além dos papéis, produzimos os livros caixa/objeto a partir do esquema desenhado e repassado por Josely (fig. 5). Foram seis protótipos desenvolvidos com diferentes materiais. Em seu design final aprovado, uma estrutura de madeira e papel cartonado foi revestida com o papel desenvolvido contendo os espaços sob medida para cada elemento da obra.

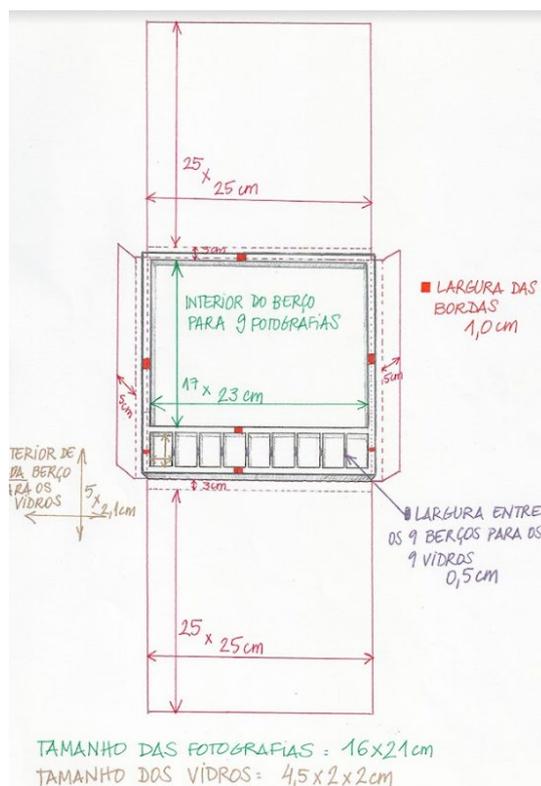
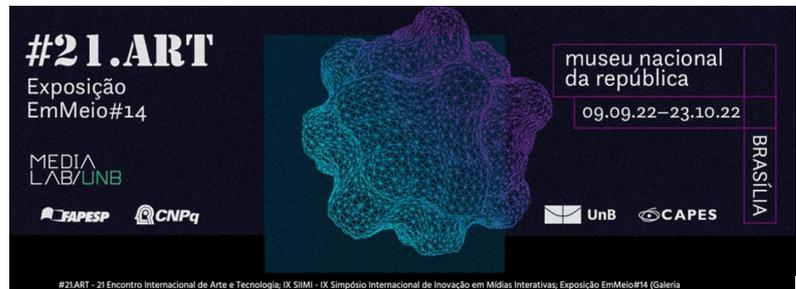


Fig. 05 - Projeto esquema de caixa/objeto. Acervo da artista Josely Carvalho

Diferentemente de outros produtos de papelaria, a manipulação do papel precisou ser mais cuidadosa, com colagem que não exercesse muita pressão sobre o papel e também evitar o desperdício de material. Desse modo foram desenvolvidas facas de cortes sob medida e colagem sem dobradeiras. O trabalho minucioso de montagem foi coordenado pela experiente encadernadora Arlete Nunes, com o apoio e design de Felipi Santos. Os então



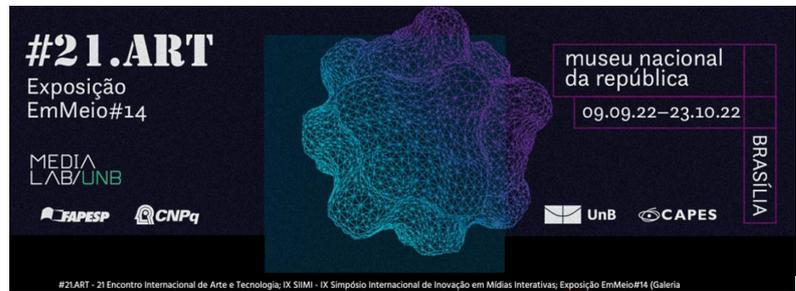
estudantes Valdinei Bezerra, Pâmela Otanásio, Sophia Arns, Carolina Sambuichi e Kabe Rodrigues estiveram envolvidos nos processos de pesquisa, manufatura e desenvolvimento dos processos do objeto artístico.

Epígrafe

Para Josely o projeto não terminou, pois segundo ela, como cacos nunca acabamos. Os cacos vivem conosco, nos acompanham para sempre ou até quando nós viramos cacos. O trabalho de Josely continua com os desdobramentos da exposição no MAC. Josely sempre ouvia que “vidro quebrado dá azar”. Ela discorda disso. No momento atual, trabalhando com esculturas de vidro soprado, ela recompõe os cacos quebrados, e cria novas possibilidades. Quanto ao cheiro, Josely afirma: “eu me tornei um cheiro”.

Para nós, na UnB, o projeto propiciou a superação de desafios múltiplos: a produção dos papéis de bituca em escala e a produção das 100 caixas com a mesma qualidade. A possibilidade de participar de uma obra de arte que foi apresentada em vários países, possibilitou a divulgação da pesquisa da UnB com a reciclagem das bitucas de cigarro.

E o prazer de ver e sentir o resultado de um trabalho colaborativo de criação artística literalmente impregnado de significados, memórias, afetos, sonhos, desejos e cheiros, muitos cheiros!!!



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Josely. Estilhaços - SHARDS. Livro de Artista. Rio de Janeiro, RJ. Tracajá Edições, 2015.

OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2013.

SUSKIND, Patrick. O Perfume - História de um assassino. São Paulo, SP. Editora Record, 1985.

<https://www.joselycarvalho.com/estilhacos-arte-olfativa> , acesso em 20/11/2022.

<https://www.joselycarvalho.com/>, acesso em 10/11/2022.

<https://www.juliaherzberg.net>, acesso em 12/11/2022.

Minicurrículo

Josely Carvalho

Artista Visual

josely@joselycarvalho.com;

www.joselycarvalho.com

Josely Carvalho, artista visual, poeta, ativista e pesquisadora interdisciplinar vive e trabalha no Rio de Janeiro e em Nova York. Nas últimas cinco décadas, tem criado um corpo de trabalho em uma ampla gama de mídias que dá voz expressiva às temáticas da memória, identidade e justiça social enquanto desafia consistentemente os limites entre artista e público e entre arte e política. Josely Carvalho nomeada em 2022 pela Fundação Pollock Krasner ao prêmio Lee Krasner Award for Life Achievement. Em 2019, recebeu o Sadakichi Award for Experimental Work with Scent do Institute of Art and Olfaction. Entre suas últimas exposições individuais: *Entre os Cheiros da História*, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2022. *Suspensio: An Interruption in Time*, Olfactory Art Keller Gallery, Nova York, 2021; *Affectio*, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 2019; *Anoxia*, Harvestworks, Nova York, 2019; *Teto de Vidro* no Museu de Arte Contemporânea MAC/USP, 2018.

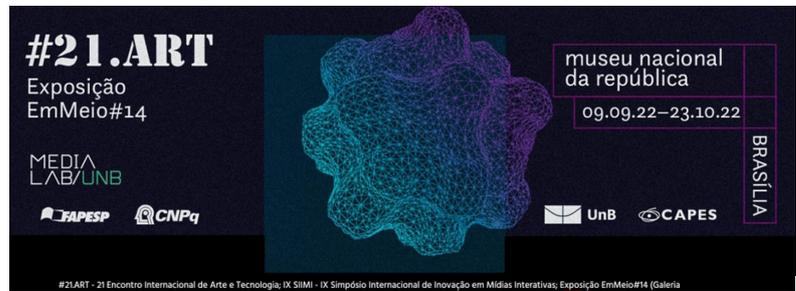
Felipi Souza dos Santos

SEEDF

felipart@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2307-0656>

Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV-UnB na linha "Imagem Visualidades e Urbanidades" (2021). Especialista em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico pela Universidade Aberta do Brasil - UAB (2019). Licenciado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (2018). Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília - UnB (2015). Participa dos grupos de pesquisa "Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais" e "Educação em Artes Visuais e Economia Criativa" Seu trabalho artístico articula relações entre a natureza humana



e os sistemas/mecanismos líquidos pela representação. Discute e pesquisa, na arte relacional e participativa, a importância do outro em sua poética e na produção de sentido. Aprofunda-se nas relações de espaço, corpo, tecnologias e as diferenças de aproximações em suas propostas expográficas como linguagem e expressão.

Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

Departamento de Artes Visuais/Instituto de Artes/Universidade de Brasília

therese.hofmann@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4045-2928>

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pelo CDS, UnB. Professora do Departamento de Artes Visuais da UnB. Detém duas patentes registradas no INPI, Reciclagem de Papel Moeda (registrada em 1996 e concedida em 2008 - PI 9605508-1) e Reciclagem de Bitucas de Cigarro (registrada em 2003 e concedida em 2014 - PI 0305004-1). É membro do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília e membro da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior /CONAES/MEC. Líder dos grupos de pesquisa e Pesquisa de Desenvolvimento Metodológico e Capacitação para governança e gestão pública da empregabilidade no Brasil - Programa de Empregabilidade: Qualifica Brasil, certificado pelo CNPq desde 2017 e líder do grupo Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais, certificado pelo CNPq desde 2018. Membro do Conselho Internacional da revista Hand Papermaking. Membro da IAPMA, INSEA, FAEB e ANPAP.